

# Vida e a Obra de Ignacio Martín-Baró e o Paradigma da Libertação<sup>1</sup>

## Life and Work of Ignacio Martín-Baró and the Liberation Paradigm

### AUTOR

Lucian Borges de Oliveira

Estudante de Graduação no Curso de Psicologia,

Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

lucianborges@yahoo.com.br

Raquel Souza Lobo Guzzo

Professora Titular de Psicologia,

Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

rguzzo@mpc.com.br

Raquel Pondian Tizei

Estudante de Doutorado da PUC-Campinas

Walter Mariano de Faria Silva Neto

Estudante de Doutorado da PUC-Campinas

CITACIÓN Borges de Oliveira, L. & Lobo Guzzo, R., Pondian Tizei, R. & Silva Neto, W. (2014). Vida e a Obra de Ignacio Martín-Baró e o Paradigma da Libertação. *Revista Latinoamericana de Psicología Social Ignacio Martín-Baró*, 3(1), 205-230.

Recibido: 19 de agosto de 2013

Aceptado: 27 de julio de 2014

**RESUMEN** Estudar o paradigma da libertação na psicologia se justifica para a compreensão e o enfrentamento à opressão presente no contexto social atual. Diante disso, este trabalho procurou caracterizar a vida e a obra de Ignacio Martín-Baró, importante precursor desse paradigma na América Latina, com objetivo de resgatar seu trabalho, bem como analisar fatores que influíram na constituição do paradigma da libertação. O estudo se desenvolveu em duas etapas: a sistematização da história de vida de Ignacio Martín-Baró e a recuperação, análise e identificação de categorias gerais presentes em sua obra que serviram de fundamento para o horizonte libertador característico da Psicologia latino-americana.

<sup>1</sup> Trabalho desenvolvido dentro do Grupo de Pesquisa "Avaliação e Intervenção psicossocial: prevenção, comunidade e libertação".

**PALAVRAS CHAVES** Psicologia da Libertação, Ignacio Martín-Baró, Psicologia Latino-Americana

**RESUMEN** Estudiar el paradigma de la psicología de la liberación ofrece como garantía la comprensión y enfrentamiento de la opresión, presente en el contexto social actual. Así, este estudio buscó caracterizar la vida y obra de Ignacio Martín-Baró, importante precursor de este paradigma en América Latina, con el objetivo de rescatar su trabajo, y analizar los factores que influyeron en la formación del paradigma de la liberación. El estudio se realizó en dos etapas: la sistematización de la historia de la vida de Ignacio Martín-Baró y la recuperación, análisis e identificación de categorías generales presentes en su obra, que sirvió de base para el horizonte liberador característico de la psicología latinoamericana.

**PALABRAS CLAVE** Psicología de la Liberación, Ignacio Martín-Baró, Psicología Latinoamericana.

**ABSTRACT** Studying the paradigm of liberation psychology offers understanding and confrontation of actual oppression in the current social context. Thus, this study sought to characterize the life and work of Ignacio Martín-Baró, an important precursor of this paradigm in Latin America, with the aim of rescuing their work, and analyzes the factors that influenced the formation of the paradigm of liberation. The study was conducted in two stages: the systematization of the story of the life of Ignacio Martín-Baró and recovery, analysis and identification of general categories present in his work, which was the basis for the distinctive skyline of Latin American liberation psychology.

**KEYWORDS** Liberation Psychology, Ignacio Martín-Baró and Latin American Psychology.

**TABELA DE CONTEÚDO**

1. Introdução
  - 1.1. *A importância da Psicologia da Libertação*
  - 1.2. *A trajetória de vida de Ignacio Martín-Baró*
  - 1.3. *Princípios, fundamentos e perspectivas da Psicologia da Libertação*
2. Método
3. As dimensões do Paradigma da Libertação na psicologia de Ignacio Martín-Baró
  - 3.1. *Das dificuldades do resgate da obra*
  - 3.2. *A relevância social da psicologia social no tempo de Martín-Baró e a necessidade de uma revolução paradigmática*
4. A dimensão teórico-conceitual
5. A dimensão histórica

6. A dimensão praxica
7. A dimensão ética
8. Considerações Finais - Viver sem conhecer o passado é como caminhar na escuridão
9. Referências Bibliográficas
10. Quadro das Produções de Ignacio Martín-Baró

## 1. INTRODUÇÃO

A proposta de se estudar o paradigma da libertação traz em si a possibilidade de enfrentamento à opressão presente na sociedade sob diferentes formas, sem que seja confundida com o princípio da liberdade individual ideologia marcante do sistema liberal. As características da realidade opressora estão presentes no ou fazem parte do cotidiano de uma grande maioria da população e se expressam por meio da desigualdade, da violência, da miséria dentre outras dimensões da vida, tornando-a desumana e indigna. Por esta razão, fica explícita a necessidade de se analisar a contribuição de Martín-Baró, teórico da Psicologia da Libertação, e organizá-la em uma análise que relaciona a produção do conhecimento científico frente à realidade objetiva. O presente artigo, portanto, tem como objetivo: um breve resumo da vida de Ignacio Martín-Baró, a identificação de princípios, fundamentos e perspectivas da Psicologia da Libertação e a análise de elementos que compõem o paradigma da Libertação na Psicologia, a partir da compilação de sua obra. Para isso iniciamos com uma justificativa da real importância de estudar este tema.

### 1.1. A IMPORTÂNCIA DA PSICOLOGIA DA LIBERTAÇÃO

São algumas as necessidades de se construir uma Psicologia da Libertação, ou seja, uma Psicologia voltada para a realidade da América Latina. Essas necessidades são tanto de ordem teórica quanto prática e, portanto, faz-se necessário a apresentação de alguns apontamentos sobre essas duas dimensões.

Sabemos que a Psicologia nasce em um tempo da valorização da subjetividade privatizada, na ascensão do liberalismo e do capitalismo e auge do movimento romântico alemão, portanto, surge carregada desses princípios éticos, epistemológicos, ontológicos e metodológicos que são do individualismo, do egoísmo inerente ao ser humano, o hedonismo e a liberdade individual a qualquer custo (Parker, 2007; Sloan & Moreira, 2002). Como afirma Chauí (1980), a ciência, se não for dotada da capacidade crítica de perceber o movimento histórico da realidade, pode acabar como acaba na maioria das vezes, apenas descrevendo o movimento histórico

sem entender as múltiplas determinações de que ele é fruto. Sendo assim, as ciências se tornam um instrumento ideológico justificador da realidade, tomando como naturais os fenômenos históricos. E a psicologia cumpriu exatamente esse trajeto, tornando-se um instrumento ideológico e ferramenta de dominação que presta serviço à classe dominante.

Sendo assim, a Psicologia na América Latina consolidou-se pela dominação imperialista ou seja, importando modelos já existentes vindo da realidade norte americana e européia, estas importações teóricas carregam a primazia da teoria sobre a prática, não sendo capazes de atender as necessidades do povo latino-americano. A Psicologia Latino Americana, ao importar esquemas teóricos e práticos buscava adquirir um status de cientificidade e reconhecimento social, tomando, portanto, emprestada a bagagem conceitual, metodológica e prática mesmo que distante de sua realidade, esperando poder negociar com as instâncias sociais de cada país um status social equivalente aos dos norte-americanos (Martín-Baró, 2011a). Sendo assim, essa psicologia não estava preparada para atender as demandas do povo latino-americano, pois sua realidade estava inserida em um contexto de pobreza, exploração, desigualdade e opressão.

A necessidade de uma Psicologia da Libertação, portanto, é a de reverter este percurso que psicologia tem percorrido e construir uma psicologia que esteja comprometida com a libertação dos povos latino-americanos, libertação das estruturas sociais opressoras, seguida da libertação pessoal (Martín-Baró, 2011a). Para atuar na perspectiva da Psicologia da Libertação é necessário um compromisso ético dos psicólogos com as maiorias populares (Martín-Baró, 1996). A cerca disso Guzzo & Lacerda Jr. (2007), afirmam:

Qualquer trabalho que se desenvolva de forma consciente no Brasil chama a atenção para uma realidade desafiadora, cheia de contrastes e de difícil solução. Ser psicólogo, fazer Psicologia em um país latino-americano necessita muito mais do que a falsa neutralidade que o positivismo propõe. A suposta não postura política é uma opção política. A neutralidade em tal contexto é uma postura que legitima e mantém o status quo, neutralidade é omissão. (p. 233)

Partindo dos pressupostos apresentados até aqui, Martín-Baró (2011a) diz que para que a psicologia possa ajudar na construção de um processo de libertação dos povos latino-americanos, é necessário que a psicologia latino-americana se liberte da psicologia hegemônica, e construa a sua própria identidade.

## 1.2. A TRAJETÓRIA DE VIDA DE IGNACIO MARTÍN-BARÓ

Ignácio Martín-Baró nasceu em Valladolid, Espanha, em 7 de novembro de 1942, lugar foi onde passou a maior parte de sua infância.

Estudou no colégio jesuíta São José onde, desde cedo, esteve envolvido com as questões religiosas que fizeram despertar a sua vocação religiosa. Em 18 de setembro de 1959, aos 17 anos, Ignacio ingressa na Companhia e Jesus (De La Corte, 2001).

Logo nos anos sessenta, Martín-Baró foi para Quito, na Colômbia com compromissos da congregação, onde estudou humanidades clássicas. Depois em 1964, na cidade de Bogotá, obteve o bacharelado em Filosofia e, no ano seguinte, a licenciatura em filosofia e letras. Em seguida, mudou-se para El Salvador, e no ano de 1970 formou-se em Teologia. Obteve a licenciatura em Psicologia na UCA (Universidade Centro-Americana José Simeón Cañas), em 1975. Em 1977, obteve o título de mestre em Ciências Sociais e, em 1979, o doutorado em Psicologia Social e Organizacional, ao defender sua tese<sup>2</sup> na Universidade de Chicago, Estados Unidos, conhecida por sua importância para a Psicologia Social hegemônica, positivista, individualista e acrítica (Dobles, 2009). Desde o início de sua formação ficou evidente a proposta de Martín-Baró, pois nessa Universidade se vivia uma realidade muito diferente da de El Salvador, mesmo assim, ele se ocupou de investigar a realidade salvadorenha (De La Corte, 2001). Ao voltar de Chicago, assumiu o posto de vice-reitor da UCA e também muitos outros cargos, como o de chefe do Departamento de Psicologia e Educação, o Conselho Editorial da UCA e de sua principal revista a ECA (Revista Estudios Centro-americanos).

Foi com a realidade salvadorenha, uma realidade marcada pela desigualdade, injustiça, governos autoritários, guerra civil e com más condições materiais de realizações das aspirações da população (Martín-Baró, 1981), que Martín-Baró realizou a maior parte de sua produção acadêmica, portanto, longe da tranquilidade e serenidade que se pressupõe em uma vida acadêmica encastelada em seu próprio fazer, na maioria das vezes distante da realidade concreta. Dobles (2009) cita uma carta de 23 de agosto de 1989, em que Martín-Baró agradecia ao Conselho Acadêmico da Escola de Psicologia da Costa Rica, pela solidariedade em relação à bomba explodida em frente à UCA. Este trecho mostra uma parcela das reais condições de sua produção, por meio de seu compromisso com as maiorias populares:

Las bombas contra nuestras instalaciones afectan muy gravemente nuestras ya difíciles finanzas, pero nos confirman también que representamos una voz significativa en el quehacer del país, y que nuestro trabajo académico en favor de los intereses mayoritarios de nuestro pueblo sigue teniendo un impacto. Por ello, estén seguros

---

<sup>2</sup> Martín-Baró, I (1979) Household Density and Crowding in Lower Class. Salvadorans. Doctoral Thesis, Faculty of Social Science, Department of Behavioral Science, University of Chicago.

que la UCA seguirá firme en su trabajo universitario con el pueblo salvadoreño en favor un futuro más justo e libre. (p. 4)

O trecho anterior exemplifica as condições objetivas em que Martín-Baró produzia e agia, e que o levaram à "criação", por reconhecer a necessidade do povo salvadoreño, da Psicologia da Libertação - uma concepção diferenciada dentro do campo teórico da Psicologia Social, pelo seu compromisso epistemológico, ético e político com as maiorias populares. Compromisso que a difere da Psicologia hegemônica<sup>3</sup> a qual reafirma a lógica neoliberal em suas praticas e em suas epistemologias, ou seja, uma psicologia individualista, acrítica e culpabilizadora dos indivíduos pelas dificuldades e problemas que enfrentam no cotidiano de suas vidas (Martín-Baró, 1996).

Inserido nesta realidade, em meio à guerra civil, em 1986, ele cria o IUDOP (Instituto Universitário de Opinião Pública da UCA)<sup>4</sup>, considerado um verdadeiro esforço institucional do desenvolvimento da Psicologia da Libertação. Este instituto proporcionou a Martín-Baró e seus companheiros, pelo menos 23 estudos de alcance nacional, em um contexto de muitas dificuldades, como por exemplo, a perseguição e prisão dos pesquisadores, além do roubo de documentos (Dobles, 2009). O IUDOP teve importância para a investigação da realidade dos setores populares salvadoreños e as múltiplas determinações às quais estavam submetidos, pretendendo, assim, traçar caminhos para a libertação da opressão, da injustiça e das condições inumanas presentes na vida da maioria salvadoreña.

Toda essa trajetória de compromisso social ao lado dos setores populares oprimidos custou um preço muito caro à Martín-Baró - sua própria vida. Na madrugada do dia 16 de novembro de 1989 ele foi assassinado, juntamente com seus companheiros jesuítas. Uma ordem vinda dos altos setores militares e dos assessores norte-americanos fora lançada para que fossem exterminados os intelectuais acusados de comunistas e terroristas que apoiavam as guerrilhas de resistência. Essa ordem de extermínio fora lançada em uma campanha na radio, com difusão massiva. Segundo De La Corte (2001), tudo aconteceu muito rápido - os soldados invadiram a UCA na madrugada, indo até a moradia dos jesuítas, exterminando o reitor da UCA, Ignacio Ellacuría, Ignacio Martín-Baró e outros jesuítas que com eles compunham a administração superior da universidade ( Sobrino,1990; Withfield, 1998).

---

<sup>3</sup> Neste trabalho o conceito de hegemonia é tomado de Gramsci: Gramsci, A. (1981). A Concepção Dialética da História. Civilização Brasileira, 4ª edição. Gramsci, A. 1982. Os Intelectuais e a Organização da Cultura. Civilização Brasileira.

<sup>4</sup> Martín-Baró, I. 1989. La opinión pública salvadoreña ( 1987-1988). El Salvador: UCA Editores.

### 1.3. PRINCÍPIOS, FUNDAMENTOS E PERSPECTIVAS DA PSICOLOGIA DA LIBERTAÇÃO

A Psicologia da Libertação tem alguns princípios que são alicerces na sua construção ontológica, epistemológica e metodológica, cujos fundamentos decorrem da Teologia da Libertação, da Alfabetização Conscientizadora Freiriana ou princípio da conscientização e da Dimensão Histórica do ser humano.

A Teologia da Libertação é um dos fundamentos da Psicologia da Libertação, devido a toda trajetória histórica de Martín-Baró e o movimento teológico que tomou corpo na América latina a partir dos anos 70 do século XX baseada na opção pelos pobres contra a pobreza e pela sua libertação. Martín-Baró (2011a) aponta três princípios da Teologia da Libertação que ajudam a compreender a construção epistemológica da Psicologia da Libertação:

1- A afirmação de que o objeto da fé cristã é um Deus de vida e, portanto, que o cristão deve assumir como sua primordial tarefa religiosa promover a vida. Dessa perspectiva cristã, o que se opõe a Deus não é o ateísmo, mas a idolatria, isto é, a crença em falsos deuses que produzem a morte. A fé cristã em um Deus de vida deve buscar, por consequência, todas aquelas condições históricas que dão vida ao povo, e no caso concreto dos povos latino-americanos, essa busca de vida exige um primeiro passo de libertação das estruturas sociais primeiro; pessoais depois – que mantêm uma situação de pecado, ou seja, de opressão mortal sobre as maiorias.

2- A verdade prática tem primazia sobre a prática teórica, a ortopraxis sobre a ortodoxia. Para a Teologia da Libertação, mais importantes que as afirmações são as ações e é mais expressivo da fé o fazer que o dizer. Portanto, a verdade da fé mostra-se em realizações históricas que evidenciam e façam crível a existência de um Deus de vida. Nesse contexto, adquirem toda sua significação históricas dos povos das estruturas que os oprimem e impedem sua vida e seu desenvolvimento humano.

3- A fé cristã chama a realização de uma opção preferencial pelos pobres. A Teologia da Libertação afirma que Deus deve ser buscado entre os pobres e marginalizados e com eles e da perspectiva deles viver a vida de fé. A razão para essa opção é múltipla. Em primeiro lugar, porque essa foi, concretamente, a opção de Jesus. Em segundo lugar, porque os pobres constituem as maiorias de nossos povos. Em terceiro lugar, porque somente os pobres oferecem condições objetivas e subjetivas de abertura ao outro e, sobretudo, ao radicalismo outro. A opção pelos pobres não se opõe ao universalismo salvífico, mas reconhece que a comunidade dos pobres é o lugar teológico por excelência, no qual se realiza a tarefa salvadora, a construção do reino de Deus. (pp. 190-191)

A Teologia da Libertação utiliza-se da experiência paradigmática do povo de Israel saindo de sua escravidão e marchando pelo deserto, por meio das dúvidas e sacrifícios, até chegar à terra prometida (Martín-Baró, 2011b). Os psicólogos da libertação, comprometidos com as maiorias populares teriam, portanto, *quatro lições* a tomar a partir da Teologia, como propôs o próprio Martín-Baró (2011b): "trata-se, antes de tudo de um *processo histórico*<sup>5</sup>; além disso, é um *processo conflitivo*, que contém um momento de ruptura social; é um *processo de natureza grupal ou coletiva* e é um processo que não só se conquista uma terra, mas no qual, sobretudo, *se constrói uma identidade social*" (p. 212-213).

Sendo assim, com a inspiração na Teologia da Libertação, Martín-Baró (1998) lança mão de mais alguns apontamentos que colaboram na construção da Psicologia da Libertação, a partir (ou voltados para a realidade) dos povos latino-americanos: um novo horizonte, uma nova práxis e uma nova epistemologia.

A Conscientização freiriana, é muito presente e é um dos princípios básicos na obra de Martín-Baró, em que ele a coloca como um do *quefazer* (*quehacer*) da Psicologia da Libertação. A conscientização no sentido freiriano<sup>6</sup>, não consiste em uma conscientização individual, mas comunitária, ou seja, não é apenas uma compreensão da própria vida, mas a compreensão das condições concretas que seu grupo social está submetido, e, principalmente, na elaboração de ações que sejam transformadoras dessas condições (Guzzo, 2013). A transformação das condições materiais, às quais um grupo social está submetido, leva à libertação pessoal (Martín-Baró, 1996). Trata-se, portanto de um processo de direção inversa - inicia-se no coletivo e atinge o pessoal.

A Dimensão Histórica na construção epistemológica da Psicologia da Libertação foi concebida por Martín-Baró como um ingrediente essencial da condição humana. Sendo assim, acima do individual e do social, põe-se a dimensão histórica que compõe os dois elementos, embora, para ele, a história social seja muito mais determinante de que a puramente pessoal (De La Corte, 2001). Esta é uma das maiores críticas de Martín-Baró à Psicologia hegemônica - sua a-historicidade, pois sua falta naturaliza condições sociais do desenvolvimento humano, ou seja, toma como naturais os fenômenos sociais e acaba estabelecendo como objeto de estudo os indivíduos descolados de sua realidade concreta de vida, de seu tempo histórico e das condições econômicas e sociais a que estão submetidos (De La Corte, 2001).

---

<sup>5</sup> Itálicos nossos.

<sup>6</sup> O termo freiriano, se refere a Paulo Freire, educador brasileiro, exilado na época da ditadura militar e que teve, em sua obra, um compromisso com os povos oprimidos e que influenciou o pensamento de Martín-Baró.

Ao incluir a consideração histórica na interpretação social e psicológica, Martín-Baró (2000) reconhece as particularidades espaço-temporal que condicionam as questões humanas; favorece uma concepção de ser humano como agente de sua própria vida, responsável, tanto por seu destino quanto pelos processos sociais de que participa; supera a consequência das ideias positivistas chamada por ele de *cegueira para a negatividade*, a qual consiste na naturalização de processos sociais (Martín-Baró, 2000).

Anteriormente, foram apontadas três questões que remetem a um compêndio teórico-filosófico que compõe a estruturação epistemológica, ontológica e metodológica da Psicologia da Libertação. A seguir, serão apresentados três dimensões praxicas que são consequentes aos fundamentos acima mencionados. Para Martín-Baró (2011a), a Psicologia da Libertação, não poderia seguir o mesmo percurso da Psicologia hegemônica e do modelo positivista, que consistia em uma sobreposição da teoria em relação à prática. A Psicologia da Libertação tem, assim, como perspectiva dimensões da práxis<sup>7</sup> que são fundamentais para sua realização.

Em primeiro lugar, mas com a mesma importância que os seguintes, uma das perspectivas da Psicologia da Libertação, é a da *memória histórica*.<sup>8</sup> A memória histórica contribui para a busca das raízes históricas da identidade do povo latino-americano, interpretar o presente e vislumbrar como o futuro alcançado, de acordo com as possibilidades concretas (Martín-Baró, 2011a). Sobre isso Cabrera (1990), afirma:

Recuperar la memoria histórica significará recuperar no sólo el sentido de la propia identidad, no sólo el orgullo de pertenecer a un pueblo así como de contaron una tradición y una cultura, sino, de rescatar aquellos aspectos que sirvieron ayer y que servirán hoy para la liberación. (p. 301).

O segundo aspecto de ordem praxica consiste em contribuir para a *desideologização da experiência cotidiana*. Esta, por sua vez, tem como objetivo resgatar a experiência original dos grupos e pessoas e devolvê-las como dados objetivos que permitam às maiorias populares tomar consciência da sua própria realidade, verificando a validade psicopolítica do conhecimento adquirido (Prilleltensky, 2003, Martín-Baró, 1996).

Por último, trata-se de *potencializar as virtudes populares* encontradas nas tradições populares, na religiosidade popular e nas estruturas sociais que tem permitido aos povos latino-americanos

---

<sup>7</sup> Janousek, J. (1972).

<sup>8</sup> Gaborit, M. (2006).

sobreviverem em condições inumanas de opressão. Estas capacidades consistem na insubornável solidariedade, na capacidade de sacrifício pessoal pelo bem coletivo, na capacidade humana de transformar o mundo e na eterna esperança em um amanhã que vem sendo negado constantemente (Cabrera, 1990).

Os elementos decorrentes dos fundamentos que compõem a Psicologia da Libertação estão imbricados e interligados, pois são de certa forma, inseparáveis. Mas, o presente trabalho se propõe a fazer uma separação mais didática que possibilitará sua melhor compreensão.

## 2. MÉTODO

A partir de uma pesquisa bibliográfica<sup>9</sup>, foram realizados procedimento de busca em bases de dados online - BVSPsi, Scielo, PePSIC e Google Acadêmico e documentos presentes no grupo de pesquisa Avaliação e Intervenção Psicossocial: Prevenção, Comunidade e Libertação, liderado pela Professora Raquel Souza Lobo Guzzo na Pontifícia Universidade de Campinas, resultado de uma busca efetivada por ocasião de uma visita científica à UCA. Foram utilizadas as seguintes palavras-chave como referentes nas buscas: Martín-Baró, Psicologia da Libertação, Psicologia Latino-Americana. Além dessas ferramentas de busca, utilizou-se da visita à Fundação Aniela Tadeusz Ginsberg<sup>10</sup> onde se encontra um acervo de história da psicologia, sob a responsabilidade do grupo de pesquisa de História da Psicologia, liderado pela Profa. Dra. Maria do Carmo Guedes<sup>11</sup>, da PUC São Paulo.

O material encontrado foi organizado em uma lista (Quadro anexo) por ordem cronológica. Foram recuperadas 99 publicações, sendo 78 títulos diferentes e os outros 21 títulos repetidos que estavam publicados em mais de um veículo. Após essa fase de compilação, as obras foram lidas e duas delas foram selecionadas para servirem como base à análise das características do Paradigma da Libertação na Psicologia. Os textos escolhidos foram "Para uma Psicologia da Libertação" (Martín-Baró, 2011a) e "La liberación como horizonte de la psicología" (Martín-Baró, 1998b). A escolha dos dois textos aconteceu, à princípio, pelo fato de conterem a palavra "libertação/liberación" no título, o que permitiu a referencia imediata ao propósito desse trabalho. Após a leitura dos textos, um exame

<sup>9</sup> Segundo Lima & Mioto (2007), caracteriza-se como um procedimento metodológico importante na produção do conhecimento científico capaz de gerar, especialmente em temas pouco explorados, a postulação de hipóteses ou interpretações que servirão de ponto de partida para outras pesquisas.

<sup>10</sup> Esta Instituição, criada por determinação - em testamento - tem como finalidade o apoio à estudantes de Psicologia carentes de recursos. Mantém também o acervo sobre a obra da Dra. Aniela e um acervo de história da psicologia além de organizar anualmente vários eventos e atividades de incentivo à pesquisa em Psicologia.

<sup>11</sup> Os Autores agradecem à pesquisadora por ter compartilhado o material, bem como ao seu orientando de doutorado Bruno Carvalho que nos acompanhou até a Fundação nos dando atenção enquanto fazíamos o levantamento das obras.

detalhado possibilitou identificar três dimensões características do Paradigma da Libertação, a saber: dimensão *Teórico Conceitual*, dimensão *Prática* e dimensão *Ética*.

### 3. AS DIMENSÕES DO PARADIGMA DA LIBERTAÇÃO NA PSICOLOGIA DE IGNÁCIO MARTÍN-BARÓ

#### 3.1. DAS DIFICULDADES DO RESGATE DA OBRA

A recuperação e organização da obra de Martín-Baró culminaram em um processo difícil, devido à dispersão da obra e a pouca disponibilidade da mesma no Brasil. O autor preocupou-se, na maior parte de suas produções, em investigar a realidade salvadorenha e latino-americana, isto pode se visto nas listas 1 (em anexo). Sendo assim, o autor tinha um compromisso com a realidade dos povos salvadorenhos e latino-americanos e com a sua situação de injustiça e opressão. E, portanto, à ciência, no caso, a psicologia deveria preocupar-se em propor um serviço eficaz para atender os problemas das maiorias populares (Martín-Baró 2011a). Sendo assim, Martín-Baró se dedicou a publicar a maior parte de sua obra em revistas salvadorenhas e em revistas de outros países latino-americanos. De La Corte (2000) diz que Martín-Baró queria colocar sua produção intelectual a conhecimento do povo que se tratava.

Por estes fatos, apesar da dificuldade de recuperar e organizar a obra do autor, este processo resultou em uma amostra muito relevante de sua produção, o que possibilitou apontar como se manifestou o Paradigma da Libertação na psicologia, em resposta à psicologia social hegemônica de seu tempo - que em sua grande parte era importada dos EUA- e, portanto, não respondia aos problemas do povo latino-americano que vivia em estado de subdesenvolvimento (Martín-Baró 1998b), e ainda vive até hoje. Por isso o Paradigma da Libertação na psicologia ainda se faz vivo e coerente em responder/transformar os problemas psicossociais na América Latina.

#### 3.2. A RELEVÂNCIA SOCIAL DA PSICOLOGIA SOCIAL NO TEMPO DE MARTÍN-BARÓ E A NECESSIDADE DE UMA REVOLUÇÃO PARADIGMÁTICA

Thomas Kuhn citado por Barros (2010) diz que, quando um paradigma não é capaz de responder à maioria dos problemas que persistem ao longo de anos e às vezes séculos, é gradualmente posto em cheque, pois começa a ser questionado se consiste mesmo como marco que contém as respostas ou deve ser abandonado (Barros, 2010). Era isso que acontecia com Psicologia Social em meados à década de 70, uma crise paradigmática (Robaerttazi, 2005).

Isso acontecia não só porque a psicologia social já havia envelhecido diante dos problemas presentes na América Latina, mas sim porque de fato ela nunca respondeu às necessidades das maiorias populares deste continente. Seus modelos teóricos e suas práticas eram importados dos EUA, feitos para responder a realidade americana e não, das maiorias populares da América Latina. Esta importação da psicologia prestou-se a tentar dar uma credibilidade científica à psicologia latino-americana e teve como causa uma psicologia para os setores dominantes destes países e, portanto, essa parcela fazia uso dessa psicologia como instrumento de dominação (Martín-Baró 1998a, 1998b). Neste sentido, De La Corte (2000), citando o próprio Martín-Baró aponta que, quando uma teoria é aplicada num contexto muito distinto do de sua criação, ela é irrelevantemente válida. Isto acontecia com a Psicologia Social hegemônica e importada.

Kuhn (1970), afirma que, que o paradigma "em cheque" tende a resistir ferrenhamente ancorado em suas pretensões monopolistas. Isso talvez ocorra não por vontade do paradigma em si, até mesmo porque ele não é um ser com vida própria, mas sim por parte dos interesses daqueles que se beneficiam com determinado paradigma. Acerca disso, Orlando Fals Borda citado por Martín-Baró (1998b, p.334), discorre que "la ciencia no pose valor absoluto, como si fuera un fetiche con vida propia, sino que es un conocimiento válido y útil para determinados fines y que funciona con verdades relativas, al servicio de quienes la producen y controlan". Na interpretação do autor do presente trabalho, era exatamente isso que tinha acontecido e, talvez, ocorra até hoje de forma mais tímida, tratando-se da Psicologia Social na América Latina. Os psicólogos latino-americanos limitaram-se a servir às camadas dominantes, menos por indiferença e mais por ingenuidades científica, pois o paradigma predominante no tempo de produção de Ignacio Martín-Baró, não dava conta de atender os problemas dos povos colonizados e oprimidos.

Frente a esta situação, fazia-se necessário uma resposta paradigmática, não tanto por questões pessoais e mais por questões sociais e demográficas, que Martín-Baró lançou mão do Paradigma da Libertação na psicologia, com o propósito de estruturar uma Psicologia da Libertação. A partir disso, tornou-se necessária uma psicologia que estivesse comprometida com as questões das maiorias populares e respondesse a isso, não só na forma de compreensão, mas também com o objetivo de transformação de tal realidade injusta (Martín-Baró, 1998b). A preocupação de Martín-Baró acerca da realidade dos salvadorenses e de seus problemas pode ser vista no anexo 1, em relação às temáticas de suas obras. Observa-se que tratam de acontecimentos da vida cotidiana das maiorias populares.

Para Kuhn (1970), um paradigma sempre apresenta o interesse de criar e reproduzir condições para ampliar o conhecimento, respondendo aos problemas que são colocados pela sua época. Na verdade, as próprias

definições dos problemas ou dos tipos de problemas que a ciência deve resolver, fariam parte do paradigma.

Talvez o grande número de obras acerca da temática *Psicologia latino-americana* na produção de Martín-Baró, seja pelo fato da necessidade da construção dessa psicologia, mas também o grande número de trabalhos que tratam do cotidiano do povo salvadorenho e de realidade mostra o compromisso com a urgência de dar uma resposta imediata aos problemas dos salvadorenhos (De La Corte, 2000).

Tratamos paradigma aqui no sentido que Kuhn (1970) define o paradigma – como conjunto de crenças, valores e técnicas comuns a um grupo que pratica um mesmo tipo de conhecimento. Tomado isso em conta, serão apresentadas as três dimensões que abarcam o Paradigma da Libertação na Psicologia: dimensão teórica-conceitual, dimensão prática e dimensão ética. Essas três dimensões compreendem grande parte da resposta paradigmática elaborada por Martín-Baró e encontram-se totalmente imbricadas, constituintes umas das outras. A separação feita no presente trabalho é realizada, mais, para efeito didático.

#### 4. A DIMENSÃO TEÓRICO-CONCEITUAL

Ao analisar as duas obras de Martín-Baró, escolhidas por esse trabalho, verificou-se que o autor propõe uma reformulação dos conceitos já existentes para elaboração de uma Psicologia da Libertação. Não se trata de jogar, deixar de lado tudo o que já foi produzido, mas refazer uma leitura crítica a partir da perspectiva dos povos marginalizados, caso contrário seria uma presunçosa insensatez com toda a história e desenvolvimento da Psicologia como ciência e profissão, como aponta Martín-Baró (1998b). O autor afirma que, “el problema no es sólo de conocimiento y comunicación, sino primero de y más fundamentalmente de teorización” (Martín-Baró 1998b, p.320). Para isso é imprescindível rechaçar a importação mecânica de conceitos e teorias formulados em outras sociedades diferentes das latino-americanas, que leva a ignorar os problemas das maiorias populares. Examinar os problemas específicos do povo oprimido sem marcos teórico, a priori, limita a capacidade de compreensão de tal realidade.

Martín-Baró (1998b) diz que, o problema em sua visão é mais de ordem epistemológica do que conceitual. Sendo assim, o que distorce a realidade, não é tanto a teoria que se aplica, mas sim com que objetivo se aplica. Para isso o autor propõe uma inversão marxista do processo:

que no sean los conceptos los que convoquen la realidad, sino la realidad la que busque a los conceptos; que no sean las teorías las que definan los problemas de nuestra situación, sino que sean esos problemas que los que

reclamen y por así decirlo, elijan su propia teorización. (Martín-Baró, 1998b, p. 314)

Isso implica em mudar a tradição de um idealismo metodológico para um realismo crítico. Tal realismo crítico necessita abandonar um paradigma positivista das ciências naturais em favor de um paradigma histórico, a partir de uma proposta de desnaturalização dos fenômenos, que não exija distanciamento do objeto que se investiga, pois em ciências sociais o pesquisador não pode evitar se sentir envolvido com os fenômenos que estuda, posto que ele também compõe tal fenômeno (Martín-Baró 1998b). Sendo assim, é indispensável um posicionamento frente a essa realidade (característica ética que será tratada mais adiante).

Para exemplificar a dimensão teórica-conceitual da resposta paradigmática elaborada por Martín-Baró, foram elencados alguns fatores presentes em sua obra que talvez deem conta de abarcar esta dimensão. Esses fatores são: perspectiva dialética, compreensão da ação, o significado como ideologia e a dimensão histórica.

- *Perspectiva dialética*: contra interpretações do comportamento humano que separam indivíduo e sociedade e que alimentem explicações reducionistas proporcionando reducionismos psicológicos ou sociológicos. Ao contrário, a psicologia deve se aportar de um saber dialético (Martín-Baró, 1998b), não só no sentido epistemológico, mas também no sentido ontológico. A Psicologia deve atender as relações entre a estrutura psicológica e estrutura social, e vice-versa (De La Corte, 2000).
- *Compreensão da ação*: O que caracteriza, fundamentalmente, o ser humano é a ação e não a conduta. Martín-Baró usa o conceito de "ação" no sentido weberiano, que significa conduta dotada de significação e sentido (De La Corte, 2000). Martín-Baró (2000), afirma que a noção de ação apresenta dois sentidos importantes, por um lado é o caráter propositivo da atividade humana, intencional, motivada e vinculada, ao mesmo tempo, por outro lado, às estruturas sociais de significado.
- *Significado como ideologia*: Martín-Baró usa esse termo no sentido da sociologia funcionalista, que consiste em um conjunto de ideias e valores que regulam a interação social em um dado sistema (De La Corte, 2000). E usa muito mais no sentido marxista, o qual adquire uma conotação negativa, uma característica de mascaramento das relações sociais e de naturalização da mesma (Chauí, 1980).

Martín-Baró (2000), colocou a ideologia como o objeto principal da Psicologia Social. Acerca disso De La Corte (2000) afirma:

la cultura establecida se interpreta como aquel conjunto de valores, ideas y normas que regulan la vida social y que se encuentra orientado a satisfacer única e fundamentalmente las necesidades y los intereses de la clase social dominante; cultura, en suma, que se resuelve en mera ideología o sistema de significados cuya función social más importante es la de legitimar el orden social imperante mediante el encubrimiento de una radical desigualdad entre clases. (p. 445)

A partir disso, Martín-Baró (1998a) coloca como um dos *quefazer* dos psicólogos latino-americanos, a desideologização da experiência cotidiana que significa resgatar as experiências originais dos grupos e das pessoas e devolvê-las como dado objetivo, o que lhes permitirá formalizar a consciência de sua própria realidade, verificando a validade do conhecimento adquirido (Martín-Baró, 1990). “Essa desideologização deve se realizar, na medida do possível, em um processo de participação crítica na vida dos setores populares, o que representa uma certa ruptura com as formas predominantes de pesquisa e análise” (Martín-Baró, 2011, p.196).

## 5. A DIMENSÃO HISTÓRICA

Martín-Baró (2000), aponta que a psicologia tem tido uma característica de a-historicidade ao longo de seu percurso como ciência e profissão. Sendo assim, ele afirma que é indispensável essa questão para uma Psicologia da Libertação (Martín-Baró, 2011). Para ele, há três consequências da incorporação da historicidade na psicologia: a) o reconhecimento das particularidades espaço-temporais que condicionam as questões humanas; b) o favorecimento de uma concepção de ser humano como agente de sua própria vida, responsável tanto por seu destino quanto pelos processos sociais de que participa; c) a superação da consequência das ideias positivistas, chamada por ele de cegueira para a negatividade que consiste na naturalização de processos sociais (Martín-Baró, 2000). Esta cegueira para a negatividade é característica da análise do positivismo, pois, este só engendra a sua análise nas coisas como elas são, e não também como elas podem ser, dimensão que é negada pelas coisas como elas são. O resgate da historicidade é fundamental para essa superação (Martín-Baró, 1998b).

## 6. A DIMENSÃO PRÁTICA

A dimensão prática focaliza o *quefazer* científico e profissional proposto por Ignacio Martín-Baró. Segundo ele, a psicologia latino-americana permaneceu à margem dos grandes movimentos e inquietudes de seu povo (Martín-Baró 1998b). Mas essa marginalidade da práxis, talvez não deva ser atribuída tanto a um conformismo dos profissionais de

psicologia, mas sim a um impotência do próprio quefazer psicológico, devido à sua incapacidade paradigmática em responder aos problemas do povo latino-americano.

A práxis deve estar ligada à relevância social da psicologia, portanto, deve atender a quem tem ficado marginalizado do progresso social e do bem-estar que a psicologia tem proposto ao longo de seu percurso. Só a partir da práxis é possível uma teorização (Guareschi, 2011).

Assim, para proporcionar um novo conhecimento psicológico, não basta situar na perspectiva do povo, mas é necessária uma práxis transformadora, que permita conhecer as coisas, não apenas como elas são, mas como elas podem vir a ser (Martín-Baró, 1998a). Isto ocorre na medida em que se orienta para aquilo que se deve ser.

A partir dessa nova práxis, surge uma questão, que é a necessidade da politização da psicologia, o que tem sido rechaçado por muitos psicólogos e abordagens psicológicas (Delahanty, 2009). Assumir essa perspectiva de uma práxis popular é tomar partido (Martín-Baró 1998a), o que não significa que, por ter uma parcialidade, o conhecimento, deixa de ser subjetivo. A parcialidade não pode ser confundida com subjetividade. A parcialidade é produzir conhecimento, a partir de certos interesses, às vezes conscientes e às vezes não, mas também pode ser resultado de uma opção ética (dimensão que veremos mais a frente). Neste caso, então, propõe-se a produzir conhecimento a partir dos interesses das maiorias populares. Referente a isso Martín-Baró (2011a) afirma:

Enquanto estamos condicionados por nossos interesses de classe que parcializam nosso conhecimento, nem todos realizam uma opção ética consciente que assuma uma parcialização coerente com os próprios valores. Diante da tortura ou do assassinato, por exemplo, deve-se tomar partido, o que não quer dizer que não se pode alcançar a objetividade na compreensão do ato criminal e de seu autor, torturador ou assassino. (p. 194)

Essa questão prática deve se por a favor de encaminhar as maiorias para a conquista de um poder popular, um poder que proporcione aos povos "tomarem as rédeas" de suas vidas nas próprias mãos, como firma Martín-Baró (1998a), realizar mudanças que tornem as sociedades latino-americanas mais justas e humanas.

É impossível separar essa dimensão prática da dimensão teórico-conceitual que abordamos anteriormente. Como dito antes, a separação foi só para efeito didático, pois, tal dicotomização vai contra os pressupostos do conceito de Libertação. Este conceito é proposto, inicialmente, pela Teologia da Libertação e a seguinte afirmação de Guareschi (2011) pode nos ajudar a compreender essa inseparabilidade entre teoria e prática:

A Teologia da Libertação inspirou-se muito, em sua elaboração, no livro do Êxodo, que narra a libertação do povo judeu do domínio dos Faraós. A construção teórica foi feita com base em uma história acontecida, de uma prática realizada. (p. 57)

As explicações dessas duas dimensões, “teórico-conceitual” e “praxica”, remetem a uma terceira dimensão, a dimensão ética, por que tem a ver com os valores dos objetivos da Libertação, pois quem se liberta, liberta-se de algo.

## 7. A DIMENSÃO ÉTICA

Esta dimensão talvez seja a mais importante deste trabalho, primeiro, porque esta dimensão abarca as duas apontadas anteriormente, no sentido, de que os aspectos das duas dimensões anteriores foram elaborados por Martín-Baró para que rumassem no sentido da libertação. Quando se fala em libertação, logo se remete a pergunta, libertar-se de que? Isto é, libertar-se de algo negativo, que nos prejudica ou prejudica os grupos (Guareschi, 2011) é libertar-se das condições de opressão, da realidade de injustiça, de dominação e de subdesenvolvimento, às quais estão submetidos os povos latino-americanos. Sendo assim, isso implica em tomar posições, escolher um lado de acordo com seus valores. O lado que Martín-Baró escolheu para teorizar para atuar foi o lado desses povos e não o das camadas dominantes, lado que a psicologia em geral e os psicólogos em sua maioria estiveram. E a segunda coisa que suscita um debate nessa dimensão, é relacionada à primeira: essa opção ética de Martín-Baró pode ter sido a causa de seu assassinato. Pois, os jesuítas da UCA foram acusados pelo governo, anteriormente, em campanhas pelo rádio de subversivos, comunistas-terroristas, como apontou Dobles (2009).

Que psicologia é essa que pode levar a morte? Por que um pesquisador pode passar toda a sua vida produzindo no reduto da academia, sem sequer pensar na possibilidade de morrer por isso, e por que outros sofrem acusações, ameaças, perseguições e até mesmo a morte, como no caso de Ignacio Martín-Baró? O próprio contexto histórico no qual surgiu o conceito de Libertação, já remete a uma opção ética. Esse conceito nasceu em uma situação da América Latina de morte, de desespero, de subdesenvolvimento, de doenças, de mortalidade infantil, no qual havia uma situação de indignidade, que agride o ser humano (Guareschi, 2011). Sendo assim, era preciso um enfrentamento por parte de diferentes áreas do conhecimento e Martín-Baró fez isso pela Psicologia.

No ocidente, a partir da modernidade, desenvolveu-se uma ideia de que a ciência é neutra (Martín-Baró, 1998a, Martín-Baró 1998b). Mas isso é impossível, pois, toda ação tem um conteúdo ético (Guareschi, 2011), toda

ação é uma ação ética. O que existe é acompanhar o fluxo da maré ou remar contra ela, o que fica mais em evidencia, quando se opta por esse lado, mas as duas ações são ações éticas, dar manutenção a ordem ou transformá-la. No caso dos psicólogos, em relação os povos latino-americanos, implica em percorrer com eles o caminho da libertação ou deixar que permaneçam em tal situação. Guzzo e Lacerda Jr (2007) citando Heller (1982) afirmam que optar pela posição de neutralidade, também é posicionar-se eticamente, postura que legitima e mantém o *status quo*.

Martín-Baró deixou claro o seu posicionamento ético que era estar do lado dos pobres e oprimidos. (Martín-Baró, 1998b; Boff e Boff, 1985) como um teólogo da libertação. No momento em que alguém se solidariza e se engaja com os sofrendores e oprimidos, se angaria automaticamente, inimigos entre os detentores do poder (Guareschi, 2011). Portanto, é importante apontar aqui que a sua opção ética pelos pobres, a sua práxis junto a eles, talvez tenha sido uma das principais causas de seu assassinato. A Psicologia da Libertação, portanto, propõe-se a balançar as estruturas (Osório, 2011), mexer nas relações de poder e de dominação, nas relações de opressão e, por fim, transformá-las, proporcionando assim a libertação aos povos que estavam e estão nessas condições.

#### 8. CONSIDERAÇÕES FINAIS - VIVER SEM CONHECER O PASSADO É COMO CAMINHAR NA ESCURIDÃO

Martín-Baró soube identificar os problemas da vida cotidiana dos povos latino-americanos e se deu conta de que a psicologia hegemônica de sua época não respondia às tais questões. A partir disso, transpôs o Paradigma da Libertação para a Psicologia, construindo então, a Psicologia da Libertação. As dimensões, aqui abordadas, dessa Psicologia - teórica-conceitual, prática e ética - tem como horizonte a libertação dos povos latino-americanos de suas condições de opressão, subdesenvolvimento, injustiça e desigualdade.

Essa opção ética de Martín-Baró custou-lhe a vida, pois a sua ciência e a sua prática, tinham como consequência abalar as estruturas de poder e superá-las. Adquiriu, assim, inimigos, a quem não interessava a libertação dos oprimidos.

Por isso, o resgate da obra de Martín-Baró, considerando que a situação na América Latina faz-se necessário por sua atualidade e pertinência. Sua teoria faz-se muito viva para a atuação dos psicólogos comprometidos com as maiorias populares, nos dias de hoje.

O presente trabalho, também gerou uma indignação ao reavivar a memória, sobre a sangrenta madrugada do dia 16 de novembro de 1989, em que soldados, a mando do governo salvadorenho, invadiram a UCA e

cometeram a chacina que marcou para sempre os métodos da dominação imperialista na América Latina. No entanto, além de provocar o extermínio de um grupo de pessoas que construíam o processo da libertação, também produziu a esperança com dor e sofrimento, mas com muito desejo e força de disseminação e organização para seguirmos o legado dos jesuítas – pelas diferentes disciplinas um mesmo horizonte libertador.

São grandes as limitações deste trabalho, porém, por meio dele, abriram-se perspectivas para uma análise das obras que ainda não foram analisadas, para a busca e o levantamento de obras que ainda não encontradas e, mais importante, foi possível firmar contatos com outros grupos de pesquisa e pesquisadores, que visam a ampliação do conhecimento acerca do paradigma da Libertação, dentro e fora da Psicologia. Desde 2003, quando o Sexto Congresso Internacional de Psicologia da Libertação foi trazido ao Brasil pela primeira vez, em Itaici, organizado pelo Grupo de Pesquisa da Prof Raquel S. L. Guzzo, a obra de Ignacio Martín-Baró tem sido disseminada nos cursos de formação de psicólogos brasileiros e faz parte de diversos grupos de pesquisa pelo país. Essa conquista serve de patamar para a organização, cada vez mais forte, daqueles que desejam uma outra Psicologia – uma ciência e uma profissão, de fato e na vida concreta, comprometida com a realidade dos pobres e excluídos que vivem no sistema capitalista.

## 9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Boff, L. & Boff, C. (1985) *Teologia da Libertação no debate atual*. Petrópolis: Vozes.
- Barros, J. (2010). Sobre a noção de Paradigma e seu uso nas ciências humanas. *Cad. de Pesq. Interdisc. em Ci-s. Hum-s.*, 11 (98), 426-444.
- Cabrera, E. (1990). Una entrevista con Ignacio Martín-Baró. *Revista de Psicología de El Salvador*, 9 (37), 299-308.
- Chauí, M. (1980). O que é ideologia. Extraído de: <http://pt.scribd.com/doc/12876624/Colecao-Primeiros-Passos-O-Que-e-IdeologiaMarilena-Chauí>
- De La Corte, I. (2000). La psicología de Ignacio Martín-Baró como psicología social crítica. Una presentación de su obra. *Revista de Psicología Geral y Aplicada*. 53 (3), 437- 450.
- De La Corte, I. (2001). Memoria de um compromisso: Lá psicología social de Ignacio Martín-Baró. Bilbao: Descleé
- Delahanty, G. (2009) La psicología política de Ignacio Martín-Baró. Extraído de: <http://www.psicologiasocial.xoc.uam.mx/textos/arctex/PsicSocBaro-Delahanty.html>
- Dobles, I. O. (2009). Ignacio Martín Baró y psicología de la liberación: um desafio vigente.

- Extraído de:  
[http://www.catedralibremartinbaro.org/pdfs/PCL\\_DoblesI\\_UnDesafioVigente.pdf](http://www.catedralibremartinbaro.org/pdfs/PCL_DoblesI_UnDesafioVigente.pdf)
- Gaborit, M. (2006). Memoria histórica: relato desde las víctimas. *Pensamiento Psicológico*, 2 (6), 720.
- Gramsci, A. (1981). *A Concepção Dialética da História*. Civilização Brasileira, 4ª edição.
- Gramsci, A. (1982). *Os Intelectuais e a Organização da Cultura*. Civilização Brasileira.
- Guareschi, P. (2011). Pressupostos epistemológicos implícitos no conceito de libertação. In: R. S. L. Guzzo & F. Lacerda Jr. F. (orgs), *Psicologia Social para a América Latina: o resgate da Psicologia da Libertação*. Campinas: Editora Alínea.
- Guzzo, R. S. L. & Lacerda Jr. F. (2007). Fortalecimento em tempo de sofrimento: reflexões sobre o trabalho do psicólogo e a realidade brasileira. *Revista Interamericana de Psicologia/Interamerican Journal of Psychology*, 41(2), 231-240.
- Guzzo, R. S. L. (2013) Conscientization and Political Changes (prelo). In Thomas T. (Org.), *Encyclopedia of Critical Psychology*, 1, 104-104. Londres: Springer.
- Janousek, J. (1972) On the Marxian Concept of Praxis. In J. Israel & H. Tajfel. *The context of Social Psychology – a critical assessment* (pp. 279-294). Londres: Academic Press.
- Kuhn, T. (1970) *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Editora Perspectivas.
- Lima, T. C. S. & Miotto, R. C. T. (2007). Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. *Revista Katál. Florianópolis*, 10, 37-45.
- Martín-Baró, I. (1981). As aspiraciones del pequeño-burgués salvadoreño. *Revista Estudios Centroamericanos*, 35 (377), 773-788.
- Martín-Baró, I. (1979). Household Density and Crowding in Lower Class Salvadorans. Doctoral Thesis, Faculty of Social Science, Department of Behavioral Science, University of Chicago.
- Martín-Baró, I. 1989. *La opinión pública salvadoreña (1987-1988)*. El Salvador: UCA Editores.
- Martín-Baró, I. (1990). La encuesta de opinión pública como instrumento desideologizador. *Revista de Psicología de El Salvador* 9, 35, 9-22. San Salvador: El Salvador.
- Martín-Baró, I (1996). O papel do Psicólogo. *Estudos de Psicologia*, 2 (1), 7, 27-29.
- Martín-Baró, I. (1998a). Hacia una psicología de la liberación. *Boletín* En A. Blanco (ed.), *Psicología de la Liberación*. Madrid: Editorial Trotta.
- Martín-Baró, I. (1998b) La liberación como horizonte de la psicología. En A. Blanco (ed.), *Psicología de la Liberación*. Madrid: Editorial Trotta.

- Martín-Baró, I. (2000). *Acción y ideología: psicología social desde Centroamérica*. San Salvador: UCA Editores.
- Martín-Baró, I. (2011a). Para uma Psicologia da Libertação. In R. S. L. Guzzo & F. Lacerda Jr. (orgs). *Psicologia Social para a América Latina: o resgate da Psicologia da Libertação*. Campinas: Editora Alínea.
- Martín-Baró, I. (2011b). Desafios e Perspectivas da Psicologia Latino-americana. In R. S. L. Guzzo & F. Lacerda Jr. (orgs). *Psicologia Social para a América Latina: o resgate da Psicologia da Libertação*. Campinas: Editora Alínea.
- Osório, J. M. F. (2011). Ética e construção social da libertação latino-americana. In R. S. L. Guzzo & F. Lacerda Jr. (orgs). *Psicologia Social para a América Latina: o resgate da Psicologia da Libertação*. Campinas: Editora Alínea.
- Prilleltensky, I. (2008). The role of power in wellness, oppression and liberation: the promise of psychopolitical validity. *Journal of Community Psychology*. 36 (2), 116- 136.
- Roberttazi, M. (2005). Psicología social latinoamericana: uma resposta neoparadigmática. En *Aporte de autores argentinos a la Psicología Social. El psicoanálisis en ámbitos colectivos*. Recuperado de: <http://www.buenastareas.com/ensayos/Latinoamerica/52225538.html>
- Sloan, T. & Moreira, V. (2002). *Personalidade, Ideologia e Psicopatologia Crítica*. São Paulo: Escuta.
- Sobrino, Jon. (1990). *Os seis jesuítas mártires de El Salvador*. São Paulo: Loyola.
- Whitfield, Teresa. (1998). *Pagando el precio: Ignacio Ellacuría y el asesinato de los jesuítas en El Salvador*. San Salvador: UCA editores.

#### 10. QUADRO DAS PRODUÇÕES DE IGNÁCIO MARTÍN-BARÓ

##### 1965

- Dios y materialismo dialectico.

##### 1966

- Los cristianos y la violencia.
- La forja de rebeldes . ECA 21, 221, 287-88.
- La muerte como problema filosófico. ECA 21, 212, 7-12.

##### 1967

- ¿Quién le teme a James Bond? ECA 22, 227, 511-12.

##### 1968

- El complejo de macho o el "machismo". ECA 23, 243, 367-73.
- Propaganda: deseducación social (c). ECA 23, 243, 367-73.
- El pulso del tiempo; guerrilleros y hippies. ECA 23, 234. 25-26.

**1970**

- Psicología de la caricia. ECA 264, 496-98.

**1971**

- Problemas actuales en psicopedagogía escolar. ECA 26, 273, 401-13.

**1972**

- Del alcohol a la marihuana (c). ECA 27, 283, 225-42.
- Una nueva pedagogía para una universidad nueva. ECA 27, 281-82, 129-45.
- Peluqueros institutos - @cionales. ECA 27, 288-89, 697-701.
- Presupuestos psicosociales de una caracteriología para nuestros países. ECA 27, 290, 763-86.

**1973**

- Cartas al presidente: reflexiones psicosociales sobre un caso del personalismo político en El Salvador. ECA 28, 296, 345-57.
- Psicología del campesino salvadoreño. ECA 28, 297-98, 476-95.
- Algunas repercusiones psico-sociales de la densidad demográfica en El Salvador. ECA 28, 293-94, 123-32.
- Antipsiquiatría y psicoanálisis. ECA 28, 293-94, 203-6.

**1974**

- ¿Quién es pueblo?: reflexiones para una definición del concepto de pueblo. ECA 29, 303-4, 11-20.
- Elementos de conscientización socio-política en los currículos de las universidades (c). ECA 29, 313-14, 765-83.

**1975**

- El valor psicológico de la represión política mediante la violencia. ECA 30, 326, 265-82.
- El estudiantado y la estructura universitaria. ECA 30, 324-25, 638-51.
- Cinco tesis sobre la paternidad aplicadas a El Salvador. ECA 30, 319-20, 265-82.

**1976**

- Problemas de psicología social en América Latina (compilación de textos). San Salvador: UCA editores.
- La desatención social del poder. En I. Martín-Baró, Problemas de psicología social en América, 98-109. San Salvador: El Salvador.

**1977**

- Del cociente intelectual al cociente racial. ECA 32, 345, 485-94.

**1978**

- (Con M. Herrera) Ley y orden en la vida del mesón. ECA 33, 360, 803-28.

- Vivienda mínima: obra máxima. ECA 33, 359, 732-33.

### 1979

- Cien años de psicología. ECA 34, 368, 432-33.

- El papel del psicólogo en el contexto centroamericano. Boletín de Psicología de El Salvador 4 (17), 99-112.

- La violencia política y la guerra como causas del trauma psicosocial en El Salvador. Revista costarricense de Psicología, 12 (13), 21-34.

- La mujer salvadoreña y los medios de comunicación masiva. Revista de Psicología de El Salvador 7 (29), 253-266.

- La institucionalización de la guerra (b). Revista de Psicología de El Salvador 8 (33), 223-245.

- La violencia política y la guerra como causas del trauma psicosocial en El Salvador. Revista de Psicología de El Salvador 7 (28), 123-141.

### 1980

- Aspiraciones del pequeño burgués salvadoreño. Revista Estudios Centroamericanos, 35 (377), 773 - 788.

- Ocupación juvenil: reflexiones psicosociales de un rehén por 24 horas. Estudios Centroamericanos. 463, 474.

- A la muerte de Piaget. ECA 35, 383, 869-71.

### 1981

- Las raíces psicosociales de la guerra en El Salvador. San Salvador.

- El liderazgo del Monseñor Romero: un análisis psicosocial. ECA 36, 389, 152-72.

- Actitudes en El Salvador ante una solución política a la guerra civil. ECA 36, 390-91, 325-48.

### 1982

- El llamado de la extrema derecha . ECA 37, 453-466.

### 1984

- Guerra y salud mental. ECA 39, 429-30, 503-14.

- El terrorismo del estado norteamericano . ECA 39, 433, 813-16.

### 1985

- La desideologización como aporte de la psicología social al desarrollo de la democracia en Latinoamérica (e). Boletín de la AVEPSO 8, 3, 3-9.

### 1986

- Hacia una psicología de la liberación (d). Boletín de Psicología de El Salvador 5, 22, 219-31.

- La ideología familiar en El Salvador. ECA 41, 450, 291-304.

- El pueblo salvadoreño ante el diálogo. ECA 41, 454-55, 755-68.

**1987**

- El latino indolente: carácter ideológico del fatalismo latinoamericano (a). En M. Montero (ed.), *Psicología política latinoamericana*. Caracas: Panapo.
- Así piensan los salvadoreños urbanos (1986-1987) (c). San Salvador: UCA editores.
- Del opio religioso a la fe libertadora (b). En M. Montero (ed.), *Psicología política latinoamericana*. Caracas: Panapo.
- Votar en El Salvador: psicología social del desorden político (f). *Boletín de la AVEPSO* 10, 2, 28-36.
- Los grupos con historia: un modelo psicosocial. *Boletín de la AVEPSO* 11, 1, 3-18.
- ¿Es machista el salvadoreño?. *Boletín de Psicología de El Salvador* 6, 24, 101-22.

**1988**

- La mujer salvadoreña y los medios de comunicación masiva (b). *Revista de Psicología de El Salvador* 7, 29, 253-66.
- La violencia política y la guerra como causas del trauma psicosocial en El Salvador. *Revista de Psicología de El Salvador* 7, 28, 123-141.
- From Dirty War to Psychological War: The case of El Salvador. En A. Aron (ed.), *Flight, Exile an Return: Mental Health and the Refugee*. San Francisco: CHRICA.
- La violencia en Centroamérica: una visión psicosocial (c). *Revista de Psicología de El Salvador* 7, 28, 123-141.
- Opinión preelectoral y sentido del voto en El Salvador. *ECA* 43, 213-23.

**1989**

- La institucionalización de la guerra (b). *Revista de Psicología de El Salvador* 8, 33, 223-45.
- Sistema, grupo y poder: psicología social desde Centroamérica II (a). San Salvador: UCA editores.
- Las consecuencias psicológicas del terrorismo político. Transcripción de la presentación en el Simposio sobre las consecuencias psicológicas del terrorismo político, en Berkeley, California, 17 enero.
- La violencia política y la guerra como causas del trauma psicosocial en El Salvador. En I. Martín-Baró (ed.), *Psicología social de la guerra: trauma y terapia*. San Salvador: UCA editores.
- La opinión pública salvadoreña (1987-1988). San Salvador: UCA Editores.
- Psicología política del trabajo en América Latina (f). *Revista de Psicología de El Salvador* 8, 31, 5-25.
- Sólo Dios salva. Sentido político de la conversión religiosa (l). *Revista chilena de Psicología* 10, 1, 13-20.
- El papel del psicólogo en el contexto centroamericano. *Boletín de la AVEPSO*, 12, 3, pp. 6-16.
- De la guerra sucia a la guerra psicológica: el caso de El Salvador. *Boletín de la AVEPSO*, 12, 3, pp. 18-26.
- Iglesia y revolución en El Salvador. *Boletín de la AVEPSO*, 12, 3, pp. 27-44.

- Los medios de comunicación masiva y la opinión pública en El Salvador de 1979 a 1989 (c). ECA 44, 1081-1093.

### 1990

- La encuesta de opinion publica como instrumento desideologizador. Revista de Psicologia de El Salvador 9, 35, 9-22, San Salvador, El Salvador.
- El hacinamiento residencial: ideologización y verdad de un problema real . Revista de Psicología de El Salvador, 9, 38 , 25-51.
- El papel del psicólogo en el contexto centroamericano . Revista de Psicología de El Salvador 9, 35, 53-70.
- Guerra y salud mental. Revista de Psicología de El Salvador 9, 35, 71-88.
- De la guerra súcia a la guerra psicológica: el caso de El Salvador. Revista de psicología de El Salvador, 9, 35, 109-122.
- ¿Trabajador alegre o trabajador explotado? La identidad nacional del salvadoreño (a). Revista de Psicología de El Salvador 9, 35, 147-172.
- La violencia en Centroamérica: una visión psicosocial. Revista de Psicología de El Salvador 9, 38, 123-146.
- Guerra y trauma psicosocial del niño salvadoreño . En I. Martín-Baró (ed.), Psicología social de la guerra: trauma y terapia. San Salvador: UCA editores.
- Guerra y salud mental. En I. Martín-Baró (ed.), Psicología social de la guerra: trauma y terapia. San Salvador: UCA editores.
- La violencia política y la guerra como causas del trauma psicosocial en El Salvador . Revista de Psicología de El Salvador 9, 35, 89-108.
- De la guerra súcia a la guerra psicológica: el caso de El Salvador. En I. Martín-Baró (ed.), Psicología social de la guerra: trauma y terapia. San Salvador: UCA editores.
- La familia, puerta y cárcel para la mujer salvadoreña (e). Revista de Psicología de El Salvador 9, 37, 265-77.
- Reparations: Attention Must be Paid (f). Commonweal, 23 de Marzo.

### 1991

- El método em psicología política. En: Maritza Montero (coord), Acción y discurso: Problemas de psicología política em América Latina. Caracas: Eduven, 39-58.

### 1992

- Los grupos con historia: un modelo psicosocial. Revista de Psicología de El Salvador, 11, 43, 7-25.
- Conflicto social e ideologia científica: de Chile a El Salvador. Revista de Psicologia de El Salvador, 11, 46, pp. 317-338.

### 1994

- Reforma Agraria em El Salvador.

**1995**

-Procesos psíquicos y poder (h). Manuscrito. En M. Montero (Ed.), *Psicología de la acción política*. Barcelona: Paidós.

**1996**

- O papel do Psicólogo. *Estudos de Psicologia*, 2(1),7-27.29.

**1998**

- Hacia una psicología de la liberación (d). *Boletín de Psicología de El Salvador*, (5), 22, 219-231. En A. Blanco (Ed.), *Psicología de la Liberación*. Madrid: Editorial Trotta.

- Elementos de conscientización en los currícula universitarios. In: A. Blanco, *Psicología de la liberación* (pp. 131-159). Madrid: Trotta.

- El papel del psicólogo en el contexto centroamericano. In: A. Blanco, *Psicología de la liberación* (pp. 161-199). Madrid: Trotta.

- Hacia una psicología de la liberación. In: A. Blanco, *Psicología de la liberación* (pp. 283-302). Madrid: Trotta.

- La liberación como horizonte de la psicología. In: A. Blanco, *Psicología de la liberación* (pp. 303-341). Madrid: Trotta.

**2006**

- Hacia uma psicología de la liberacion. *Revista Eletrónica de Intervención Psicosocial y Psicología Comunitaria*. 1,2, pp. 7-14.

**2000**

- Acción y ideología: psicología social desde Centroamérica. San Salvador: UCA Editores.

**2010**

- La investigación y el cambio social. *Salvadoran Journal of Psychology*. 1, 2, pp. 91-98.

**2011**

- Para uma Psicologia da Libertação. In: R. S. L. Guzzo & F. Lacerda Jr, (Orgs). *Psicologia Social para a América Latina: o resgate da Psicologia da Libertação*. Campinas, SP: Editora Alínea.

- Desafios e Perspectivas da Psicologia Latino-americana. In: R. S. L. Guzzo & F. Lacerda Jr, (Orgs). *Psicologia Social para a América Latina: o resgate da Psicologia da Libertação*. Campinas, SP: Editora Alínea.